

INCLUSÃO DOS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES.

Allana Ladislau Prederigo
CNPQ - UFES
allanaladislauptederigo@gmail.com

Letícia Soares Fernandes
UFES
lsflele@gmail.com

Mariangela Lima de Almeida
PPGMPE - UFES
mlalmeida.ufes@gmail.com

Damila Soares Carvalho
CAPES-DS - UFES
damila_soares@hotmail.com

Eixo temático: Práticas pedagógicas
Categoria: Pôster de pesquisa

Resumo: Este trabalho tem por objetivo demonstrar como vem sendo realizado o processo de inclusão de alunos com Síndrome de Down no ambiente escolar, visando questões como seu efetivo aprendizado e desenvolvimento, as práticas pedagógicas abordadas pelos profissionais responsáveis, bem como a colaboração dos professores da sala de aula comum com os professores de Educação Especial e os desafios presentes nesse processo. Para tanto, adotamos Vygotsky (2007) como base teórica, com seus conceitos de zona de desenvolvimento proximal, imitação e sobre tudo, sua teoria histórico-cultural. Optamos por realizar uma pesquisa qualitativa através do estudo de caso, utilizando instrumentos como questionários, entrevistas e observações feitas pelo grupo no campo. Este estudo foi realizado em uma escola da Prefeitura Municipal de Vitória, com uma aluna da turma do 7º ano e profissionais do turno vespertino. Nossa pesquisa nos permitiu perceber a importância da adequação das práticas pedagógicas realizadas com alunos com SD com aquilo que eles sabem e podem aprender e da colaboração entre os professores de uma sala de aula comum e os profissionais do AEE, para que essas práticas sejam apropriadas e para que os processos de inclusão, ensino-aprendizagem e desenvolvimento sejam efetivos. Pudemos entender também que a inclusão educacional ainda não é integral e total, mas é um processo, construído por todos os sujeitos da educação, onde há muitas pessoas que tentam pensar formas de melhorá-lo. E isso é o que devemos fazer para que o público da educação especial ganhe cada vez mais espaço na sociedade e conseqüentemente, seja incluído de fato.

Palavras-Chave: Educação especial. Práticas pedagógicas. Síndrome de Down.

Introdução

Os alunos público-alvo da Educação Especial (PAEE), dentro os quais estão os alunos com Síndrome de Down (SD) foram durante muito tempo privados do processo de escolarização por terem comportamentos ou características físicas que se diferem do padrão aceito socialmente (MAGALHÃES, 2003). Por isso, a educação especial na perspectiva da inclusão escolar, ainda é um processo novo para as instituições de ensino e para os profissionais da área da educação.

No Brasil, os alunos PAEE têm o direito de serem incluídos tanto na escola comum, quanto no AEE, como assegura a Resolução n. 4/2009 no artigo 1:

[...] os sistemas de ensino devem matricular os alunos com deficiência [...] nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE), ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos (BRASIL, 2009).

Neste contexto, o professor possui um papel muito importante no processo de inclusão escolar, pois sua prática pode tanto incluir quanto excluir esses alunos dos processos de ensino-aprendizagem. Porém há uma crença de que os alunos com SD são responsabilidade apenas dos profissionais especializados ou dos estagiários.

Por meio das questões discutidas sobre inclusão dos alunos com SD e as dificuldades enfrentadas nesse processo, optamos por refletir a partir do seguinte objetivo geral: Identificar as práticas realizadas em uma escola da Prefeitura Municipal de Vitória com uma aluna com SD e compreender como elas refletem em um efetivo processo inclusivo.

Para alcançarmos nosso objetivo traçamos como objetivos específicos: identificar as práticas pedagógicas realizadas com o aluno com SD, analisando a efetividade do processo educativo e do processo de inclusão; compreender a maneira como é

dado o ensino de matérias regulares em uma sala de aula comum; compreender quais são os suportes utilizados em uma sala de AEE para auxiliar o desenvolvimento do aluno com SD; e, analisar como o suporte dado na sala de AEE e o diálogo entre os professores implicam em reflexos na sala de aula de ensino comum.

Metodologia

Nossa pesquisa, de natureza qualitativa, foi desenvolvida através de um estudo de caso (ANDRÉ, 2005), pois entendemos que esse método atribui qualidade para a pesquisa, na medida em que o pesquisador tem maior envolvimento com o campo pesquisado.

Nesse sentido, este artigo foi constituído como requisito de avaliação da disciplina de Pesquisa, Extensão e Prática Pedagógica I do Curso de Pedagogia da UFES. Participaram, como sujeitos dessa pesquisa, uma aluna com SD, uma professora de educação especial e três professores de ensino comum (português, ciências e educação física), do turno vespertino de uma escola municipal de Vitória. Os dados foram coletados durante o mês de maio de 2018, a partir de questionários contendo questões abertas e entrevistas semiestruturadas.

Os dados foram analisados por através de análise de conteúdo, utilizando, como base de sustentação, a teoria histórico-cultural de Vygotsky (2007).

Abordando a relação entre aprendizado e desenvolvimento, Vygotsky (2007) defendeu que o processo de desenvolvimento se dá de fora para dentro. Ou seja, o indivíduo interage com o meio, se apropriando da cultura e fazendo com o que o desenvolvimento se atualize com o tempo. Esse processo de interação, para Vygotsky, é a própria aprendizagem. É no processo de ensino-aprendizagem que ocorre a apropriação da cultura e o consequente desenvolvimento do indivíduo (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999). Da mesma forma que o desenvolvimento se dá a partir do meio que o indivíduo está inserido, quando o aluno com SD está

na escola comum, com os devidos auxílios para seu aprendizado, ele estará mais propício a se desenvolver.

As práticas pedagógicas adotadas com aluno com síndrome de down e as dificuldades do processo de inclusão educacional

Questionamos a aluna com SD sobre seu desempenho escolar e ela relatou ser boa em todas as matérias e que não sente dificuldades em relação aos conteúdos, porém, quando iniciamos nosso diálogo com a professora de educação especial ela logo comentou das dificuldades da aluna:

Ela tem uma dificuldade sim de aprendizagem, ela está em uma fase inicial de alfabetização. Por exemplo, na matemática, ela conta, com nosso apoio até 5, até 10 ela ainda não da conta [...] Ela sabe escrever o nome dela e as letras, por exemplo, as vogais ela sabe, se eu pedir pra ela escrever, o E e o A ela faz, mas ela não tem [...] o conhecimento. (PROFESSORA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL).

A professora de Educação Especial conta que esse é o seu primeiro ano de atuação com a aluna e que, por isso, ainda está em processo de descoberta das melhores formas de ensiná-la. Apesar das dificuldades, relata estimular Cintia, na tentativa de entender as especificidades de seu aprendizado, sendo assim de grande importância para o avanço do desenvolvimento, pois o professor assume o papel de mediador do ensino-aprendizado:

Para Vigotski, a aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do individuo com o mundo está sempre mediada pelo outro. Não há como aprender e apreender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar o mundo a nossa volta. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

No que tange aos professores de sala comum, percebemos que existem algumas dificuldades em desenvolver práticas pedagógicas que incluam a aluna em todas as atividades:

Geralmente o trabalho em grupo da gente é voltado para uma determinada disciplina, aí no caso dela, é bem diferente porque ela tá fora disso né? Ela e o outro menino que ta na sala dela. Mas eu digo assim, quando é uma atividade, uma brincadeira, ela consegue desenvolver, junto com os

outros. Ela na aula de libras, por exemplo, ela tenta fazer os movimentos. (PROFESSORA DE PORTUGUÊS).

Partindo desse ponto de vista, vimos que muitas vezes as práticas pedagógicas direcionadas a aluna com SD são preparadas pela professora de educação especial e aplicada por estagiários, sendo vista a mesma fala em questionários de outras professoras.

Quando questionamos as professoras sobre suas metodologias de inclusão no processo educativo, tivemos respostas que se assemelham quanto a adaptação do conteúdo às necessidades da aluna, pois as três professoras disseram que acreditam ser de suma importância que existam.

No que se refere ao respeito pela aluna, tivemos falas parecidas, ressaltando a da professora de educação física, que disse que, primeiramente, temos que fazer os demais entenderem “que a aluna especial tem o direito e possibilidade de fazer a aula, da sua forma”. Consideramos essas falas importantes, pois o respeito é crucial para a inclusão do aluno em um espaço democrático como a escola.

A partir dos relatos dos professores e de nossas observações, vimos que a aluna com SD não acompanha o mesmo conteúdo que o restante da turma em que está inserida. E fica a cargo da professora de educação especial produzir as atividades que auxiliam o entendimento da matéria dada na sala comum e reforçá-los na sala de AEE. Sobre tais atividades essa professora diz:

[...] a gente faz estímulos diários aqui durante a tarde, ela está inserida em uma sala de aula regular, porém os conteúdos são todos adaptados, ela não em uma maturidade para ouvir e perceber a explicação acerca dos conteúdos em geral, não só da matemática e do português e tirar as conclusões dela sobre o assunto. [...] então a gente prepara todo um material para que a aluna consiga iniciar na leitura simplificada e que ela melhore no seu raciocínio lógico matemático que vá também ajudar nas outras disciplinas, que ela vá tendo uma noção de conteúdos básicos para que ela consiga minimamente ouvir e participar. (PROFESSORA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL).

É visível que planejar atividades para um aluno com SD, requer a reinvenção do professor todos os dias, pois seus alunos são todos diferentes e se adaptam

melhor a diferentes práticas pedagógicas, sendo assim não há uma receita pronta para ensinar a este público.

No que diz respeito ao papel dos estagiários na mediação entre a aluna e os conteúdos, as professoras de sala comum nos mostraram ser de suma importância a presença deles. Nesse sentido, todas apontaram para as atividades que são passadas para a aluna com SD com o apoio dos estagiários, sendo evidenciada na própria fala da professora de educação especial:

Porque eu tenho alunos em outras salas, na sala dela agora a gente tem três, então se a gente não contar com o suporte dos estagiários, a gente não dá conta. Porque como eu vou me dividir nas salas né, então assim, eu preparo atividade, separo atividade, faço a orientação a estagiária e a estagiária me ajuda a aplicar, aí eu me divido. (PROFESSORA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL).

Contudo, essa colaboração e dependência dos estagiários, podem acabar os fazendo entrar em uma zona de conforto ao se apoiarem demais neles, o que pode acarretar um distanciamento da aluna.

Ao perguntarmos sobre a colaboração entre as professoras da sala comum e a de educação especial, houve um consentimento mútuo de que havia um trabalho em conjunto das duas áreas, com exceção da professora de Ed. Física, que afirmou ter contato apenas com estagiários. Apontamos que essa cooperação é de grande importância para inclusão da aluna com SD, as práticas conjuntas favorecem a inclusão do aluno na sala de aula comum.

Considerações finais

Os resultados obtidos nessa pesquisa evidenciaram que as práticas pedagógicas realizadas com alunos com SD devem sempre estar de acordo com aquilo que eles sabem e podem aprender. E que é muito importante que haja colaboração entre os professores de uma sala de aula comum e os profissionais da educação especial para que essas práticas sejam adequadas e os processos de inclusão, ensino-aprendizagem e desenvolvimento sejam efetivos.

Apontamos para a necessidade de se ter mais informações dentro das escolas sobre o que é SD e suas implicações para quem a possui, através de pesquisas como essa e de palestras sobre o assunto, podendo dialogar diretamente com os estudantes e os profissionais da instituição, visto que a própria professora de educação especial nos evidenciou a carência deste tipo de informação e a dificuldade de se ter acesso quando tais assuntos são abordados apenas em palestras na Universidade, e que a própria aluna com quem trabalhamos não sabe o que é esta síndrome.

Por fim, entendemos que a inclusão educacional é um processo em construção nas escolas, que, mesmo com as dificuldades apresentadas, tem sido valioso para todos os sujeitos envolvidos. É importante ressaltar também que nossa pesquisa foi realizada se pautando em apenas uma escola e notamos que os profissionais dessa instituição tentam diariamente trilhar caminhos para o processo de inclusão, o que pode ou não se assimilar com a realidade de outras escolas.

Referências

ANDRE, M. E. D. A. de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro, 2005.

BOCK, A; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

BRASIL. Resolução N°. 4/2009, de 2 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. **Diário Oficial da União**. Brasília, 5 de outubro de 2009, Seção 1.

MAGALHÃES, R. R. B. P. Reflexões sobre a diferença: introdução à educação especial. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

PACHECO, W; OLIVEIRA, M. Aprendizagem e desenvolvimento da criança com síndrome de Down: representações sociais de mães e professoras. **Ciências e Cognição**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, dez, 2011.

SILVA, M; SANTOS, G; OLIVEIRA, M. Reflexos das políticas de educação inclusiva na concepção de professores para mediar conhecimentos em crianças com síndrome de down. In: VII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2011, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2007. p. 3492-3505.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.